

Clências Sociais

A VIDA SEXUAL DOS SELVAGENS

Nesse processo de encaminhar-se para o casamento, prolongando e consolidando progressivamente a sua intimidade, os futuros esposos contam com o apoio decisivo de uma instituição que se poderia chamar de "casa de solteiros para uso limitado", a qual, na verdade, sugere à primeira vista a idéia de um "concubismo grupal". É evidente que, para tornar possível a casais de amantes a coabitação em caráter permanente, é necessário haver uma casa que lhes assegure a privacidade. Vimos os expedientes de que lançam mão as crianças e os ninhos de amor = mais confortáveis, porém ainda não permanentes — dos rapazes e moças na adolescência; e é óbvio que deva existir, para os jovens envolvidos em ligações duradouras, uma instituição especial, mais explicitamente estabelecida, mais confortável fisicamente e que, ao mesmo tempo, receba a aprovação do costume.


Francisco
Alves

qualidade há mais de um século

Bronislaw
Malinowski

AVIDA SEXUAL DOS SELVAGENS

LV
301.4179955
M251v
ex. 1
1982

A VIDA SEXUAL DOS SELVAGENS

Bronislaw Malinowski




Francisco
Alves

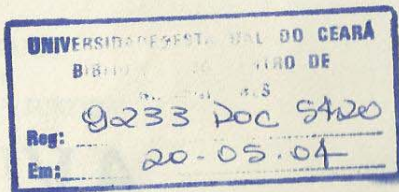
1979 by Bronislaw Malinowski
Publicado mediante acordo com Paul R. Reynolds, Inc.

Título original: *The Sexual Life of Savages*

Revisão: Sandra dos Santos Ferreira, Maria Antonieta Fugazzola,
Luís Augusto Mesquita.

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

301.4179955
M217v



CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Malinowski, Bronislaw.

M217v

A Vida sexual dos selvagens do noroeste da
Melanésia: descrição etnográfica do namoro, do
casamento e da vida de família entre os nativos das
Ilhas Trobiand (Nova Guiné Britânica) / por Bro-
nislav Malinowski; tradução de Carlos Sussekind;
prefácio de Havelock Ellis. – Rio de Janeiro: F.
Alves, 1982.

(Coleção Ciências sociais)

Tradução de: *The sexual life of savages.*

1. Melanésia – Nativos – Comportamen-
to sexual 2. Sociedades primitivas – Comporta-
mento sexual I. Título II. Série

82-0371

CDD – 301.4179955

CDU – 392.6 (931)

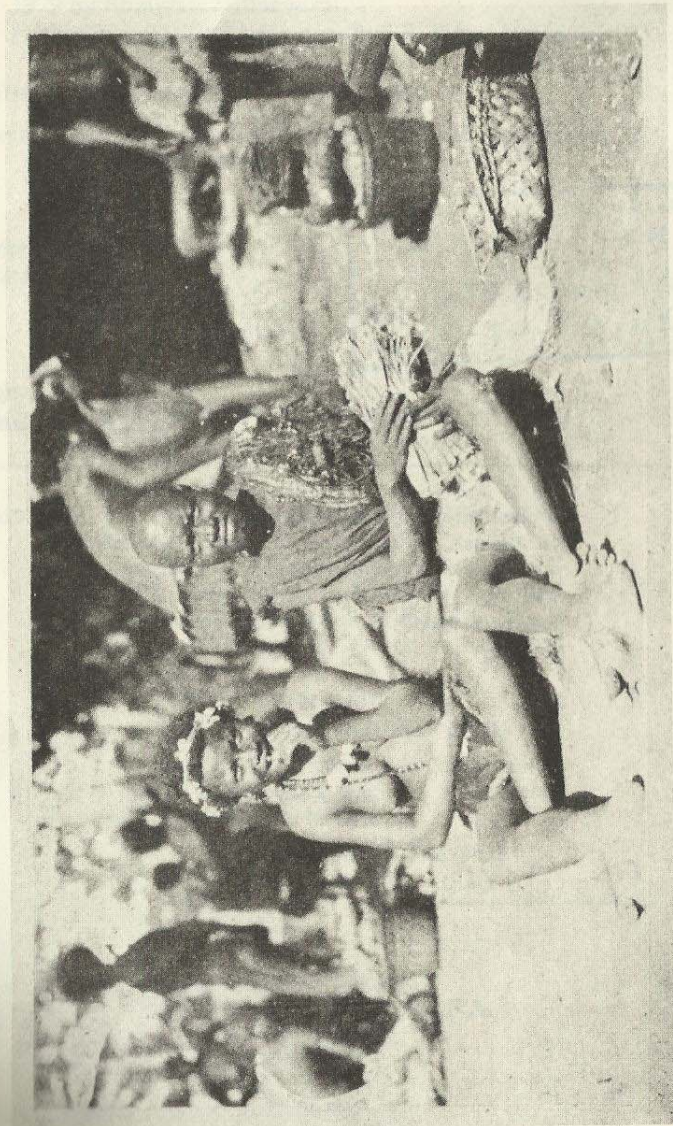
1982

Todos os direitos desta tradução reservados à
LIVRARIA FRANCISCO ALVES EDITORA S.A.
Rua Sete de Setembro, 177 – Centro
20050 – Rio de Janeiro – RJ.

Não é permitida a venda em Portugal.

*Para meu amigo
E. Powys Mathers*

FOTO 1-A



DUAS MOÇAS BONITAS - UMA DESFIGURADA PELO LUTO.

[Cap. VI, sec. 3, Cap. X, sec. 2]

MILTON BEZERRA DA CUNHA
Rua Conselheiro Tristão 1500 - Apto. 802,
Bairro de Fátima - Fone: (085) 247-4195
60.050 - FORTALEZA - CEARÁ - BRASIL

Sumário

<i>PREFÁCIO DE HAVELOCK ELLIS</i>	15
<i>INTRODUÇÃO DO AUTOR</i>	21
<i>I. AS RELAÇÕES ENTRE OS SEXOS NA VIDA TRIBAL</i>	29
1. Os princípios do direito materno	30
2. Uma aldeia das ilhas Trobriand.	34
3. A vida familiar	44
4. A distribuição da propriedade e dos deveres entre os sexos.	49
<i>II. O STATUS DA MULHER NA SOCIEDADE NATIVA</i>	58
1. Privilégios e responsabilidades inerentes à posição social	58
2. Rituais funerários e festividades	64
3. O papel das mulheres na magia	69
<i>III. AS RELAÇÕES PRÉ-NUPCIAIS ENTRE OS SEXOS</i>	79
1. A vida sexual das crianças	79
2. Divisões de idade.	87
3. A vida amorosa da adolescência	88
4. A casa de solteiros.	98
<i>IV. OS CAMINHOS PARA O CASAMENTO</i>	105
1. Os motivos do casamento	106
2. O consentimento da família da mulher	110
3. Os presentes de casamento	113

4. Noivado de crianças e casamentos de primos cruzados	120
5. Alianças matrimoniais na família de um chefe	123
6. O cerimonial dos noivados de crianças	127
V. O CASAMENTO	132
1. O companheirismo conjugal	132
2. Adultério e ciúmes sexuais	136
3. Tributos econômicos pagos pela família da mulher	142
4. Poligamia dos chefes	148
5. O aspecto doméstico da poligamia	153
VI. O DIVÓRCIO E A DISSOLUÇÃO DO CASAMENTO PELA MORTE	161
1. O divórcio	161
2. A morte e a família do morto	165
3. Cerimônias funerárias e obrigações do luto	168
4. A ideologia do luto	175
VII. A PROCRIAÇÃO E A GRAVIDEZ, SEGUNDO AS CRENÇAS E OS COSTUMES DOS NATIVOS	181
1. Crenças relativas ao organismo do homem, da mulher e ao impulso sexual	181
2. A reencarnação e o caminho que leva à vida através do mundo dos espíritos	185
3. A ignorância da paternidade fisiológica	193
4. Provas pelas quais os nativos justificam seu modo de ver	198
5. Filhos sem pai em uma sociedade matrilinear	205
6. As singulares pretensões da paternidade sociológica	212
VIII. A GRAVIDEZ E O PARTO	220
1. Preparação para os ritos da primeira gravidez	220
2. Cerimonial da primeira gravidez	226
3. Costumes relacionados com a gravidez e o parto	234
4. A mãe e o filho	242
IX. AS FORMAS COSTUMEIRAS DA LICENCIOSIDADE	245
1. O elemento erótico nos jogos	246
2. Jogos que implicam contato físico	253

3. As estações dos amores e das festas	258
4. Reuniões cerimoniais: kayasa	261
5. Festas orgiásticas	266
6. Ulatile: a juventude em busca de aventuras amorosas	270
7. Katuyausi — uma escapada cerimonial das moças	279
8. Yausa — as mulheres atacam orgiasticamente	284
9. Da autenticidade das práticas orgiásticas	286
X. AS PRÁTICAS DO AMOR E A PSICOLOGIA DA VIDA ERÓTICA	290
1. Atração erótica	295
2. A repulsa que despertam a feiúra, a velhice e a doença	299
3. Beleza do rosto e do corpo humano	304
4. Os cuidados com o corpo	309
5. Evolução de um caso	316
6. Casos de afeição pessoal	319
7. O aspecto comercial do amor	322
8. O ciúme	324
9. Beleza, cores e odores nas práticas amorosas	332
10. Sobre o que conversam dois amantes	332
11. Investidas eróticas	333
12. O ato sexual	336
XI. A MAGIA DE AMOR E A MAGIA DE BELEZA	342
1. A importância da beleza	343
2. Ocasões cerimoniais da magia de beleza	343
3. Magia de beleza: ritual das abluções	348
4. Magia de beleza: o ritual de adorno	351
5. A magia da segurança e do renome nas festas	353
6. A magia de amor	358
7. O rito e o encantamento na magia de amor	361
8. A parte da realidade na magia de amor	367
9. A magia do esquecimento	370
XII. SONHOS E FANTASIAS ERÓTICAS	377
1. Sonhos	379
2. O sexo no folclore — figuras na “cama-de-gato”	386
3. O sexo no folclore: facécias	391
4. O sexo no folclore: lenda e mito	398

5. O paraíso erótico dos trobriandeses.	413
XIII. MORALIDADE E COSTUMES.	421
1. Decência e decoro	423
2. A moral sexual	435
3. A censura das aberrações sexuais	446
4. Modéstia na linguagem e no comportamento.	452
5. Exogamia e proibição do incesto	466
6. O tabu supremo	482
XIV. UM MITO SELVAGEM SOBRE O INCESTO	498
1. As fontes da magia de amor.	500
2. O texto original do mito	509
3. Casos reais de incesto	520

Lista das Ilustrações

Duas moças bonitas — uma desfigurada pelo luto. . . Frontispício	6
1. A praça central de Omarakana	28
2. O chefe e seus filhos.	37
3. Dois inimigos hereditários	41
4. A esposa favorita do Chefe e sua família	42
5. Cocção cerimonial do taro.	45
6. Mulheres com “togebe” para carga na cabeça.	46
7. Família em trânsito	51
8. Interior nativo	52
9. Uma etapa da confecção de saiotos	55
10. Secagem das fibras tingidas para a confecção de saiotos.	56
11. Dança mortuária	67
12. Distribuição de saiotos em ritual mortuário.	68
13. Mulheres com enfeites rituais.	75
14. Homens usando todos os acessórios festivos	76
15. Crianças fazendo demonstração de uma brincadeira para o etnógrafo	83
16. A República das Crianças	84
17. Meninos brincando de “sagali”	89
18. Grupo de garotas.	90
19. Meninos na roça de inhames	95
20. Casa de solteiro decorada	96
21. Moça diante de “bukumatula”	101
22. Kalogusa, o filho do Chefe	102
23. Preparação do presente de casamento	115
24. Exibição do presente de casamento.	116
25. Mitakata e Orayse	129

26. Uma família feliz	130
27. O tributo matrimonial exposto na roça	139
28. Carregando o presente composto de produtos da última safra	140
29. O "urigubu" na aldeia	149
30. Uma família poligâmica	150
31. A esposa de um Chefe e seu dote anual	159
32. Cadáver enfeitado	160
33. Cadáver depois da primeira exumação	171
34. Viúva em luto completo	172
35. Viúva em luto aliviado	177
36. Maxilar-relíquia com adornos	178
37. Tomwaya Lakawabulo, o vidente	191
38. Albino	192
39. Mãe solteira	203
40. Dois irmãos	209
41. Pai e filho	210
42. O manto de gravidez	215
43. Primeiro encantamento das vestes de gravidez	216
44. Cortando as folhas brancas da Liliácea	223
45. Caminhando sobre a "ponte viva"	224
46. O banho ritual	227
47. Segundo encantamento do manto de gravidez	228
48. Para evitar o contato com o chão	235
49. Volta à casa paterna	236
50. Vigília sobre a plataforma	239
51. Mãe e seu primogênito	240
52. Crianças em uma brincadeira de roda	247
53. Jogo figurado	248
54. "Ratos"	255
55. A pesca da "kuboia"	256
56. Cenário típico para ao "esconde-esconde"	263
57. Cena de colheita	264
58. Demonstração de dança cerimonial	271
59. A "ulatile" de Kwaybwaga	272
60. "Ulatile" sobre a laguna	275
61. Garotas enfeitadas para uma "katuyausi" ou visita por ocasião da colheita	276
62. Expedição "katuyausi"	281
63. A praia da laguna	282

64. Bagido'u	293
65. Dança "kaydebu"	294
66. Beldade melanésia	297
67. Tipo feminino não admirado pelos nativos	298
68. O etnógrafo com um homem de peruca	313
69. A folha e a veste	314
70. Catando piolhos	326
71. Distribuição cerimonial de alimentos	329
72. Depois da destruição	330
73. Ensaando para uma dança "kasawaga"	345
74. Multidão reunida fora da aldeia para assistir a uma magia de beleza	346
75. A magia da madreperola	355
76. Pintura facial mágica	355
77. Aplicação ritual da "vana"	356
78. Últimos retoques na toalete dos dançarinos	373
79. Prontos para a dança final	374
80. Mulheres dentro d'água apanhando conchas	399
81. A angra de Kwabulo	400
82. A dança de Inuvayla'u	409
83. Bananeiras "usikela" em Kaulagu	410
84. Acumulação de alimentos para um festim	425
85. Multidão reunida em uma praia para admirar pescaria bem-sucedida	426
86. Pequeno grupo comendo taro	429
87. Típica aldeia de laguna	430
88. Tokeda — o cinturão florestal adjacente à roça	455
89. Ponto de surgimento dos antepassados em uma pequena aldeia na ilha de Vakuta	456
90. Mãe e filho	479
91. Pai e filho	480

As Ilhas Trobriand	27
Fig. 1 — Planta da aldeia de Omarakana	36
Fig. 2 — Planta de uma casa de moradia	53
Fig. 3 — Camas-de-gato	388
Fig. 4 — A praia de Kumilabwaga	506

Introdução do Autor

Escolhi para este livro o título mais natural, ou seja, o mais sincero, e isto, em parte com o objetivo de contribuir para a reabilitação do indispensável termo sexual, de que tanto se tem abusado, em parte para revelar sem rodeios o que o leitor deve esperar encontrar nos parágrafos mais diretos. O sexo não é para o habitante primitivo das ilhas do Pacífico, como para nós tampouco, uma simples questão fisiológica; ele implica o amor e o namoro; torna-se o núcleo de instituições tão veneráveis como o casamento e a família; inspira a arte e constitui a fonte de suas magias e sortilégios. Domina, na verdade, quase todos os aspectos da cultura. A *sexualidade* em seu sentido mais amplo — aquele que ela assume no título deste livro —, é, mais do que a mera relação carnal entre dois indivíduos, uma força sociológica e cultural. O tratamento científico da questão, entretanto, evidentemente comporta também um vivo interesse por seu núcleo biológico. De modo que o antropólogo deve dar uma descrição dos contatos diretos entre dois amantes, tais como ocorrem na Oceania moldados por suas tradições, pela obediência às suas leis e de acordo com os costumes de sua tribo.

Na Antropologia, os fatos essenciais da vida devem ser expostos com simplicidade e de maneira completa, embora em uma linguagem científica; semelhante procedimento nada tem que possa ofender nem mesmo o mais delicado ou o mais preconceituoso dos leitores. Os aficionados da pornografia não encontrarão aqui satisfação para suas inclinações e tampouco há motivos para recear que estas páginas despertem uma curiosidade malsã nas mentes jovens ainda em formação. Não é expondo os fatos direta e simplesmente que suscitamos esse tipo de curiosidade, mas sim, apresentando-os de um modo dissimulado, com luzes equívocas e crepusculares. Os leitores não de perceber que os nativos, com o correr do tempo, tratam a sexualidade não apenas como fonte de prazer, mas como algo sério e até mesmo sagrado. Por outro lado, não está na natureza dos costumes e idéias deles

privar a sexualidade do seu poder de transformar os grosseiros fatos materiais em experiências espirituais admiráveis, de envolver com a auréola romântica do amor os ângulos excessivamente técnicos da aproximação amorosa. As instituições dos trobriandeses são feitas para permitir que a paixão brutal se purifique e se torne um amor que dure para toda a vida; são feitas para permitir que nela vicejem e se interpenetrem as afinidades pessoais, que ela se fortaleça graças aos múltiplos laços e vínculos criados pela presença dos filhos, pelas angústias e esperanças comuns, pelos objetivos e interesses de que se compõe a vida da família.

É, talvez, na mistura de elementos puramente sensuais com elementos românticos, e nas amplas e importantes conseqüências sociológicas do que pode ser considerado o mais pessoal dos acontecimentos, é nessa riqueza e multiplicidade do amor que reside o seu mistério filosófico, o seu encanto para o poeta e o seu interesse para o antropólogo. Essa complexidade do amor, os trobriandeses a conhecem tão bem quanto nós; é ela que nos torna mais familiar até mesmo aquilo que, à primeira vista, poderia chocar à maioria dos civilizados, parecendo estar fora de qualquer controle.

Ignorar esse último aspecto, entretanto, furtar-se ao estudo da base puramente material do amor, significaria em um trabalho científico invalidar completamente todos os resultados. Seria cometer o pecado imperdoável de fugir à questão propriamente dita. Quem não desejar encarar a sexualidade frente a frente não tem por que comprar ou ler este livro; e aqueles que se interessam pelo assunto com espírito não-científico fiquem prevenidos desde já que nada encontrarão de sugestivo ou de tentador nos capítulos que se seguem.

Quero deixar bem claro que as comparações entre as condições nativas e as européias que espalhei ao longo do livro, especialmente nos últimos capítulos, não pretendem servir como um paralelo sociológico — para tanto são superficiais demais. E, sobretudo, não vá o leitor pensar que essas comparações tenham qualquer propósito de ser uma pregação contra as nossas fraquezas ou uma exaltação de nossas virtudes. Recorri a elas simplesmente porque, para explicar fatos estranhos, é necessário traduzi-los primeiramente em fatos que nos sejam familiares. Em suas observações, o antropólogo deve esforçar-se para compreender o nativo através de sua própria psicologia, e precisa construir a imagem de uma cultura estrangeira com base em elementos daquela a que pertence, bem como de outras que conhece na teoria e na prática. Toda a dificuldade e a arte do trabalho de campo sociológico consiste em partir desses elementos que são familiares na cultura estrangeira e ir aos poucos configurando o estranho e o diferente em um esquema compreensível. Nesse sentido, o aprendizado de uma cultura estrangeira asse-

melha-se ao aprendizado de uma língua estrangeira: começa por mera assimilação e por uma tradução grosseira, para terminar por um completo desligamento da referência original e pelo domínio da referência nova. E, como uma descrição etnográfica adequada deve reproduzir em miniatura os gradativos, extensos e dolorosos processos do trabalho de campo, esse recurso aos elementos familiares e os paralelos entre europeus e trobriandeses têm de servir como ponto de partida.

Afinal de contas, para atingir o leitor considero indispensável valer-me de suas experiências pessoais, adquiridas em nossa sociedade. Assim como não tenho outro jeito senão escrever em inglês e traduzir para o inglês os termos e textos nativos, preciso também, para apresentar em toda a sua realidade as condições existentes entre os melanésios, tornando-as compreensíveis, “traduzi-las” para as nossas próprias condições. Tanto um procedimento como outro não está livre de erros, mas esses erros são inevitáveis. Por mais consciência que tenha do adágio *traduttore, traditore*, não resta outra alternativa ao antropólogo: não lhe é possível exilar por dois anos os seus poucos e pacientes leitores num atol de coral do Pacífico e conseguir que vivam a vida local por experiência própria; infelizmente, o único meio que está a seu alcance é escrever livros sobre os seus selvagens e fazer conferências a respeito deles.

Há ainda um ponto que gostaria de abordar sobre o método de apresentação deste livro. Todo observador científico consciencioso está na obrigação, não só de afirmar o que sabe e como veio a sabê-lo, mas também de indicar as lacunas que existem em seus conhecimentos, as falhas e omissões no seu trabalho de campo. Já expus longamente em outra obra (*Argonauts of the Western Pacific*, capítulo I) minhas credenciais: duração de minha permanência nas ilhas, qualificações lingüísticas, métodos utilizados na coleta de documentos e declarações. Não repetirei o que já foi dito; uma ou outra observação que julguei necessário acrescentar, sobre a dificuldade de estudar a vida íntima dos nativos, pode ser encontrada pelo leitor no corpo desta obra (cap. IX, 9; cap. X, introdução; caps. XII e XIII, introduções).

O etnógrafo e o antropólogo competentes e experientes — os únicos que possam estar interessados na margem de exatidão, na metodologia da prova e nas lacunas de informação — distinguirão com facilidade, nos dados que apresentamos neste livro, onde a documentação é insuficiente e onde ela é completa. Quando faço uma simples declaração sem ilustrá-la com exemplos de minha observação pessoal ou sem apoiá-la em fatos, isto significa que fundamentalmente estou me valendo do que me foi contado por informantes nativos. Esta é, sem dúvida alguma, a parte menos digna de confiança do meu material.

Tenho plena consciência de que são insuficientes os meus conhecimentos de fatos ligados à obstetrícia, bem como da atitude das mulheres durante a gravidez e o parto. Também o comportamento do pai na ocasião do parto e a psicologia masculina com relação ao mesmo não foram estudados tão plenamente como deveriam ter sido. Diversos pontos de menor importância são tratados de uma maneira que deixa claro para o especialista, não só onde a informação se acha incompleta, mas inclusive a orientação de que deverão seguir as pesquisas ulteriores para preencher as lacunas. No que concerne à maioria dos fatos de importância fundamental, estou convencido de que fui ao fundo da matéria.

Uma dessas lacunas, lamentável mas difícil de remediar, é o número diminuto de ilustrações diretamente relacionadas com a vida erótica. Como esta, entretanto, se processa em sombras profundas (no sentido literal e figurado), o único meio de se obter fotografias seria forjá-las, ou, na melhor das hipóteses, tentar que os casais posassem para elas — e uma paixão (ou sentimento) forjada ou posada não tem valor nenhum.

As numerosas dívidas de gratidão que contraí no decorrer do meu trabalho de campo foram assinaladas em outra obra (*Argonauts of the Western Pacific*); mas gostaria de mencionar aqui uma dívida muito especial para com meu amigo Billy Hancock, comerciante e comprador de pérolas nas ilhas Trobriand, que morreu misteriosamente enquanto eu escrevia este livro. Ele estava doente, esperando em Samarai — feitoria européia na Nova Guiné Oriental — o barco que devia conduzi-lo com destino ao Sul. Uma noite desapareceu e nunca mais foi visto nem se ouviu falar dele. Era não só um excelente informante e colaborador, mas um verdadeiro amigo, cuja companhia e assistência trouxeram boa parcela de conforto material e apoio moral à minha existência um tanto penosa e monótona.

Fui muito estimulado a escrever este trabalho pelo interesse que ele despertou no Sr. Havelock Ellis, de cuja obra sou admirador e que sempre reverenciei como um dos pioneiros do pensamento honesto e da pesquisa ousada. Seu prefácio em muito valoriza o meu livro.

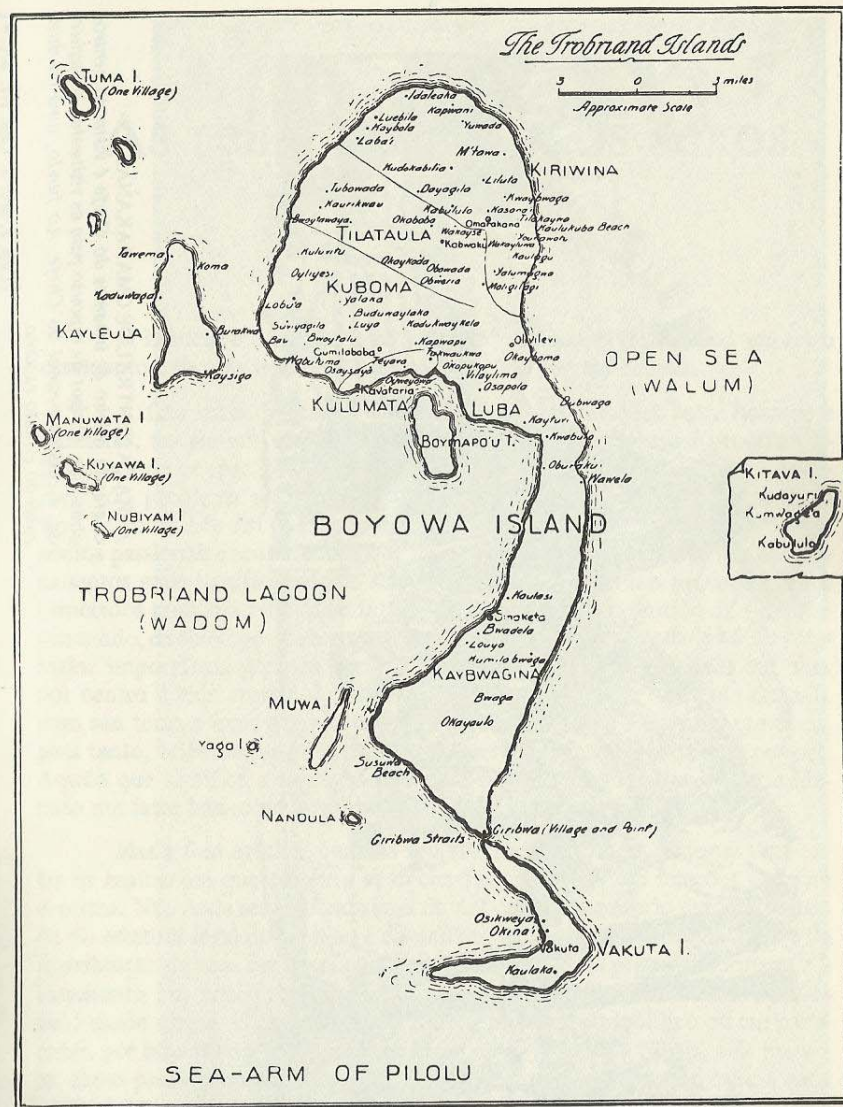
O grupo de amigos, alunos e colegas ligados, nestes últimos anos, ao setor de pesquisas e ensino de Antropologia na "School of Economics" de Londres ajudou-me bastante a pôr clareza nas minhas idéias e preparar a apresentação do meu material, sobretudo no tocante à vida familiar, à organização do parentesco e às leis matrimoniais. A Sra. Robert Aitken (Srta. Barbara Freire-Marecco), o Dr. R. W. Firth (atualmente nas ilhas Salomão), o Sr. E. E. Evans-Pritchard (que reside atualmente entre os Azandes na África), a Srta. Camilla Wedgwood (atualmente na Austrália), o Dr. Gordon Brown (atualmente em Tanganica), a Dra. Hortense Powdermaker (atual-

mente a caminho de Papua), o Sr. I. Schapera (outrora trabalhando na África do Sul), o Sr. T.J.A. Yates (outrora trabalhando no Egito), a Srta. Audrey Richards, todos estes serão sempre gratamente lembrados por mim, pela ajuda que me deram na redação dos capítulos sociológicos mais difíceis deste livro.

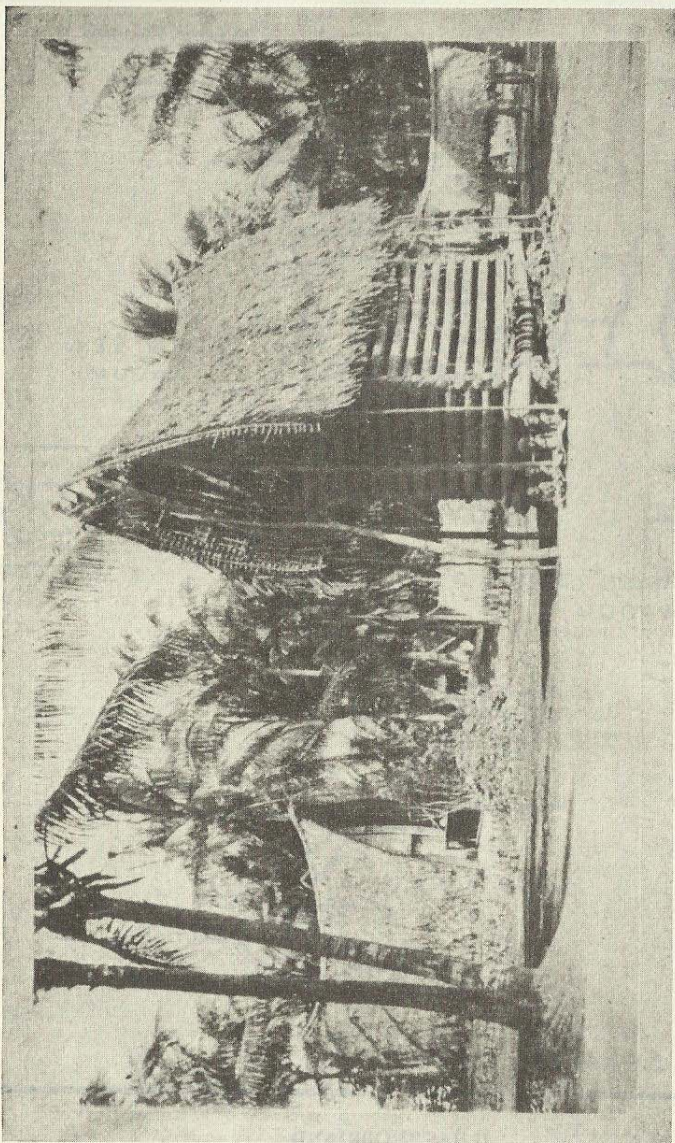
Minha dívida maior, entretanto, aqui como na maior parte do que escrevi até hoje, é para com minha mulher. Seus conselhos e sua colaboração prática conseguiram transformar em uma tarefa agradável o trabalho estafante de escrever *Argonauts of the Western Pacific* e a presente obra. Se esses dois livros têm para mim pessoalmente um certo valor e um certo interesse, isto se deve à sua participação no esforço comum.

B.M.

Londres, janeiro de 1929



ILHAS TROBRIAND



A PRAÇA CENTRAL DE OMARAKANA.
O grande celeiro de inhames do Chefe é visto no centro;
atrás dele, abrigos de repouso para os visitantes. À esquer-
da, a cabana pessoal do Chefe. Ao fundo, uma ou duas
casas do círculo externo.

[Cap. I, sec. 2; Cap. III, sec. 4]

I

As relações entre os sexos na vida tribal

O homem e a mulher nas ilhas Trobriand, suas relações no amor, no casamento e na vida tribal: este será o tema do presente estudo.

A fase mais dramática e mais intensa das relações entre homens e mulheres, aquela em que eles amam, unem-se no casamento e procriam filhos, tem de ocupar necessariamente o primeiro plano em qualquer consideração do problema sexual. Para a pessoa comum e normal, seja qual for o tipo de sociedade em que a encontremos, a atração pelo outro sexo e os episódios passionais e sentimentais que dela decorrem constituem-se nos acontecimentos mais significativos de sua existência, aqueles mais profundamente associados com sua felicidade íntima e com o sabor e o sentido da vida. Assim sendo, o sociólogo que estuda um tipo particular de sociedade há de dar a maior importância àqueles de seus costumes, idéias e instituições que têm por centro a vida erótica do indivíduo. Pois, se ele deseja estar em sintonia com seu tema e quer situá-lo numa perspectiva natural e correta, precisará, para tanto, orientar-se na direção dos valores e dos interesses da vida pessoal. Aquilo que significa a suprema felicidade para o indivíduo deve ser considerado um fator básico no estudo científico da sociedade humana.

Mas a fase erótica, embora seja a mais importante, é apenas uma entre as muitas em que os sexos se encontram e entram em relações um com o outro. Não pode ser estudada fora do seu contexto próprio, isto é, desligada do estatuto legal do homem e da mulher, de suas relações domésticas e da distribuição de suas funções econômicas. O namoro, as práticas amorosas e o casamento em uma determinada sociedade são inteiramente influenciados pelo modo como os sexos se encaram um ao outro em público ou em particular, por suas situações respectivas na lei e nos costumes tribais, pela maneira como participam de jogos e divertimentos, pela parcela que cabe a cada um na labuta do dia-a-dia.

A história da vida amorosa de um povo tem de começar necessariamente por uma descrição das formas em que se associam as crianças e os jovens, para chegar pouco a pouco à última fase, que é a da união permanente e do casamento. Não deve, entretanto, a narrativa terminar aí, pois a ciência não pode reivindicar o privilégio da ficção. A maneira como os homens e as mulheres estabelecem sua vida comum e a vida de seus filhos atua sobre as suas relações amorosas, e nenhuma dessas duas fases pode ser bem compreendida sem o conhecimento da outra.

Este livro trata das relações sexuais vigentes entre os nativos das ilhas Trobriand, um arquipélago de coral situado a nordeste da Nova Guiné. São nativos pertencentes à raça papuamelanésia e, em sua aparência física, em sua constituição mental e em sua organização social, combinam uma maioria de características ligadas às populações dispersas da Oceania com certos traços da população papua (mais atrasada) que povoa a Nova Guiné propriamente dita¹.

1

OS PRINCÍPIOS DO DIREITO MATERNO

Os trobriandeses formam uma sociedade matrilinear, em que a descendência, o parentesco e todas as relações sociais são fixadas legalmente, tomando-se como referência exclusiva a mãe; as mulheres têm participação considerável na vida da tribo, a ponto de assumirem um papel preponderante nas atividades econômicas, cerimoniais e mágicas — o que influencia profundamente todos os costumes da vida erótica, assim como a instituição do casamento. Convém, portanto, que em primeiro lugar consideremos a relação sexual em seu aspecto mais amplo, começando por uma rápida descrição dos costumes e das leis tribais subjacentes à instituição do direito materno e

¹ Para uma descrição geral e completa dos massim setentrionais, de quem os trobriandeses constituem um ramo, remetemos o leitor ao tratado clássico do Professor C. G. Seligman, *Melanesians of British New Guinea* (Cambridge, 1910), que também mostra as relações dos habitantes das ilhas Trobriand com outras raças e culturas existentes na Nova Guiné e ao redor dela. Poder-se-á encontrar, ainda, uma breve exposição da cultura trobriandesa em minha monografia *Argonauts of the Western Pacific* (E. P. Dutton & Co., 1922).

pela exposição das diferentes idéias e concepções que a explicam e esclarecem. Em seguida, esboços sumários de cada um dos principais domínios da vida tribal — doméstico, econômico, legal, cerimonial e mágico — permitirão, em conjunto, destacar as esferas respectivas em que se exercem, entre esses nativos, as atividades do homem e da mulher.

A idéia segundo a qual a mulher seria autora única e exclusiva do corpo de seu filho, não cabendo ao homem participação nenhuma na formação do mesmo, é o fator mais importante dentro do sistema legal dos trobriandeses. Suas concepções sobre o processo da procriação, corroboradas por certas crenças mitológicas e animistas, sustentam, sem qualquer sombra de dúvida ou reserva, que o filho é feito da mesma substância que sua mãe, não havendo entre pai e filho vínculos físicos de espécie alguma (veja-se o cap. VII); que a mãe contribui com tudo para a formação do novo ser nascido de seu ventre é um fato que os nativos aceitam sem discussão e que expressam eloqüentemente em frases como estas: “a mãe alimenta o filho enquanto está no seu corpo; depois que ele sai, alimenta-o com seu leite”; “a mãe tira o filho do próprio sangue”; “irmãos e irmãs são carne da mesma carne porque saem da mesma mãe”. São expressões evidentes — todas estas e outras análogas — da sua atitude para com esse fato, que é o princípio fundamental da concepção de parentesco que possuem.

Também encontraremos tal atitude entranhada de modo ainda mais revelador nas regras que governam a descendência, a herança, a sucessão em termos de posição social, a atribuição do título de chefe, a transmissão de cargos hereditários e a magia — em suma, em todos os preceitos relativos à transmissão por parentesco. Em uma sociedade matrilinear, a posição social se transmite de um homem para os filhos de sua irmã, e essa concepção exclusivamente matrilinear de parentesco é de suma importância nas restrições e regulamentações a que está sujeito o casamento e nos tabus que pesam sobre as relações sexuais. Essas idéias sobre o parentesco manifestam sua ação com intensidade particularmente dramática por ocasião da morte. Pois as regras sociais que presidem aos funerais, às lamentações e ao luto, assim como certas cerimônias muito complicadas que então acompanham a distribuição de alimentos, baseiam-se no princípio de que as pessoas unidas por laços de parentesco materno formam um grupo estreitamente cerrado cujos membros se acham ligados uns aos outros pela identidade de sentimentos e interesses, e por serem feitos da mesma carne. Desse grupo, até mesmo aqueles que lhe são vinculados pelo casamento ou pela relação de pai e filho estão excluídos por não terem razões naturais para sofrer com a perda (veja-se o cap. VI, seções 2-4).

Esses nativos possuem uma instituição de casamento bem estabelecida, e no entanto mostram-se bastante ignorantes da participação do homem na procriação dos filhos. Ao mesmo tempo, o termo “pai” tem, para o trobriandês, uma definição clara, ainda que exclusivamente social: significa o homem casado com a mãe, que vive com ela sob o mesmo teto e se inclui entre os moradores da casa. Em todas as discussões sobre parentesco, o pai me foi expressamente descrito como um *tomakava*, um “estranho”, ou — mais precisamente — um “intruso”. O termo era também usado com frequência pelos nativos em suas conversas, quando estavam em desacordo sobre questões de herança ou procuravam justificar alguma linha de comportamento, ou então se queriam rebaixar a posição do pai no contexto de alguma controvérsia.

Compenetre-se o leitor, portanto, de que o termo “pai”, tal como é utilizado ao longo desta monografia, deve ser entendido não com as numerosas implicações legais, morais e biológicas que possui para nós, mas em um sentido inteiramente específico e próprio da sociedade de que estamos tratando. Haverá quem julgue que seria melhor — a fim de evitar qualquer possibilidade de um mal-entendido — se usássemos, em lugar de “pai”, a palavra nativa *tama*, e se substituíssemos “paternidade” por “relação de *tama*”; mas, na prática, isto não teria sido muito cômodo. De forma que o leitor não deve esquecer — insisto — que a palavra “pai”, ao longo deste livro, não possui o significado com que a definem os dicionários que ele consulta habitualmente, mas sim o que se ajusta aos fatos da vida nativa. Acrescentarei que a mesma regra se aplica a todos os termos com implicação sociológica especial, isto é, a todos os termos que exprimem relações e a palavras tais como “casamento”, “divórcio”, “noivado”, “amor”, “corte amorosa” (“requesta”) etc.

Que significa para o nativo a palavra “*tama*” (pai)? “O marido de minha mãe” é a primeira resposta que dará um informante inteligente. E prosseguirá dizendo que o seu *tama* é o homem em cujo convívio se criou, aquele que lhe deu amor e proteção. Com efeito, como o casamento nas ilhas Trobriand é do tipo patrilocal, isto é, em que a mulher se muda para a comunidade da aldeia de seu marido e vai morar em casa dele, o pai é para os seus filhos um companheiro de todos os momentos; tem um papel ativo nos cuidados que lhes são dispensados, invariavelmente sente e demonstra uma afeição profunda por eles e, mais tarde, participa de sua educação. A palavra *tama* (pai) condensa, portanto, em sua conotação emocional, um monte de experiências da primeira infância e expressa o típico sentimento recíproco que existe entre o menino ou menina e o homem maduro pleno de ternura, que habita a mesma casa; enquanto, em sua conotação social, define a pes-

soa do sexo masculino que mantém relações íntimas com a mãe e dirige a casa.

Até aqui, *tama* não difere essencialmente do que entendemos por “pai”. Mas, assim que a criança começa a crescer e a se interessar por coisas sem relação direta com os assuntos domésticos e com suas próprias necessidades imediatas, surgem certas complicações e muda o sentido que a palavra *tama* possuía para ela. O menino fica sabendo que não pertence ao mesmo clã que o seu *tama*, que sua designação totêmica é diferente e que é idêntica à de sua mãe. Aprende, além disso, que toda uma série de deveres, restrições e motivos de orgulho pessoal o unem à mãe e o separam do pai. Outro homem desponta no horizonte e é chamado pelo menino de *kadagu* (irmão de minha mãe). Esse “homem” tanto pode viver na mesma localidade como em outro povoado. O menino fica sabendo, ainda, que o lugar onde mora seu *kada* (irmão da mãe) é também a sua (dele, menino) “própria aldeia”; que lá é que ele possui sua propriedade e os outros direitos de cidadania; que é lá que o espera sua futura carreira e onde ele pode encontrar seus aliados e associados naturais. Pode até mesmo acontecer que, na aldeia onde nasceu, ele seja insultado com a designação de “intruso” (*tomakava*), ao passo que na aldeia que aprendeu a considerar “sua”, na qual vive o irmão de sua mãe, é seu pai que é um estranho — ele não, ele ali goza de plenos direitos de cidadania. À medida que vai crescendo, também pode perceber que o irmão de sua mãe adquire sobre ele uma autoridade cada vez maior, reclamando seus serviços, ajudando-o em certas coisas, concedendo-lhe ou recusando-lhe permissão para realizar certos atos; ao passo que a autoridade do pai se apaga aos poucos e os seus conselhos assumem um papel dia-a-dia menos importante.

A vida de um nativo das ilhas Trobriand desenrola-se, portanto, sob uma dupla influência — dualidade, esta, que seria um erro encarar como meramente formal e superficial. Ela penetra profundamente na existência de todo indivíduo, produz insólitas complicações nos costumes, cria tensões e dificuldades frequentes, e não é raro que dê origem a violentas quebras de continuidade na vida tribal. Pois essa dupla influência do amor paterno e do princípio matrilinear, que deita raízes tão profundas na estrutura das instituições e nas idéias e sentimentos sociais do nativo, não funciona, na verdade, com um ajustamento perfeito².

² Cf. minha obra *Crime and Custom in Savage Society*, Harcourt, Brace, 1926.

Julgamos necessário chamar atenção para as relações de um trobriandês com seu pai, sua mãe e o irmão de sua mãe, por ser esse o núcleo do complexo sistema de direito materno ou matrilinearidade, e porque tal sistema governa toda a vida social desses nativos. A questão, além do mais, se acha ligada de maneira muito especial ao principal tema deste livro: relações amorosas, casamento e parentesco são três aspectos do mesmo assunto; são as três facetas que ele apresenta sucessivamente à análise sociológica.

2

UMA ALDEIA DAS ILHAS TROBRIAND

Demos, no que ficou atrás, a definição sociológica da paternidade, das relações com o irmão da mãe e da natureza do vínculo existente entre a mãe e o filho, vínculo que se baseia nos fatos biológicos da gestação e na ligação psicológica extremamente estreita que destes resulta. A melhor maneira de facilitar a compreensão dessa definição abstrata consiste em descrever as manifestações dos três tipos de relação na vida concreta de uma comunidade trobriandesa e em mostrar como atuam uns sobre os outros. Além de, com isso, darmos concretude às nossas explicações e entrarmos em contato com a vida real, teremos assim a oportunidade de, incidentalmente, apresentar ao leitor algumas personalidades que aparecerão com maior destaque, mais adiante, em nossa narrativa.

A aldeia de Omarakana é, em certo sentido, a capital de Kiriwina, o mais importante distrito dessas ilhas. É a residência do chefe principal, cujo nome, prestígio e fama propagam-se por uma vasta área do arquipélago, embora o seu poder não ultrapasse a província de Kiriwina³. A aldeia está situada em uma planície fértil e uniforme na parte setentrional da grande ilha plana de coral Boyowa (ver no mapa). A estrada que a ela conduz, partindo dos ancoradouros na laguna da costa ocidental, passa por monótonas extensões com vegetação rasteira, aqui e ali interrompidas por um arvoredo considerado tabu ou por um grande jardim — este, com parreiras enroscadas em longas varas, assemelhando-se, quando plenamente desenvolvido, a uma

³ Para maiores detalhes a respeito desse eminente personagem e para uma descrição dos deveres do chefe, veja-se C. G. Seligman, *op cit.*, capítulos 49 e 51. Veja-se igualmente meu *Argonauts of the Western Pacific, passim*, e "Baloma, Spirits of the Dead" *Journ. R. Anthropol. Inst.*, 1916.

exuberante plantação de lúpulos. Encontramos diversas aldeias em nosso caminho; o solo vai-se tornando mais fértil e a população mais concentrada à medida que nos aproximamos da longa fileira de afloramentos coralíneos que se erguem ao longo da costa oriental e separam o mar das planícies interiores da ilha.

Percebe-se à distância uma grande massa de árvores — são árvores frutíferas, palmeiras e a parte ainda virgem e intacta da floresta, que formam um cinturão em volta da aldeia de Omarakana. Transpomos o arvoredo e encontramos-nos entre duas séries de casas, distribuídas em anéis concêntricos ao redor de um grande espaço aberto (ver figura 1 e foto 1). Entre o anel exterior e o interior acha-se uma rua circular que contorna a aldeia, e nela, ao passarmos, deparamos com grupos de pessoas sentadas diante de suas cabanas (ver foto 4). O anel exterior está formado por casas de moradia, o interior por cabanas que servem como celeiros nos quais se conserva, de uma a outra colheita, o *taytu*, uma variedade de inhame que constitui a base da alimentação dos nativos. Impressiona ver o acabamento, a melhor construção, os adornos e a decoração mais cuidadosos e elaborados que distinguem os celeiros das casas de moradia (ver foto 31). Situando-nos no amplo espaço central, podemos admirar a sucessão circular de celeiros diante de nós, pois tanto estes como as casas de moradia têm sempre a frente voltada para o centro da aldeia. Um pouco mais para perto do anel interior, se bem que visivelmente dentro da praça central, ergue-se outra imponente construção: a cabana em que vive o chefe (ver fotos 1 e 2).

Esse arranjo singularmente simétrico da aldeia é de grande importância, pois representa um esquema sociológico definido. A praça interior é o local das festividades e onde se desenrolam os acontecimentos da vida pública. Parte dela é ocupada pelo antigo cemitério dos habitantes da aldeia, e em um de seus extremos fica o terreno reservado às danças, cenário de todas as solenidades cerimoniais e festivas. As casas à sua volta — isto é, o anel interior de celeiros — compartilham de seu caráter semi-sagrado e são objetos de uma série de tabus. A rua que fica entre os dois anéis é o cenário da vida doméstica e das ocorrências do dia-a-dia (ver fotos 4 e 39). Pode-se dizer, sem exageros, que a praça central constitui a parte masculina da aldeia, ao passo que a rua pertence às mulheres.

Tratemos agora de familiarizar-nos preliminarmente com alguns dos habitantes mais importantes de Omarakana, a começar por seu chefe atual, To'uluwa (ver fotos 2 e 41). Além de serem, ele e sua família, os membros de maior importância da comunidade, ocupam mais da metade da aldeia. Como veremos adiante (cap. V, seq. 4), os chefes nas ilhas Trobriand têm o privilégio da poligamia. To'uluwa, que habita a grande casa no centro da al-

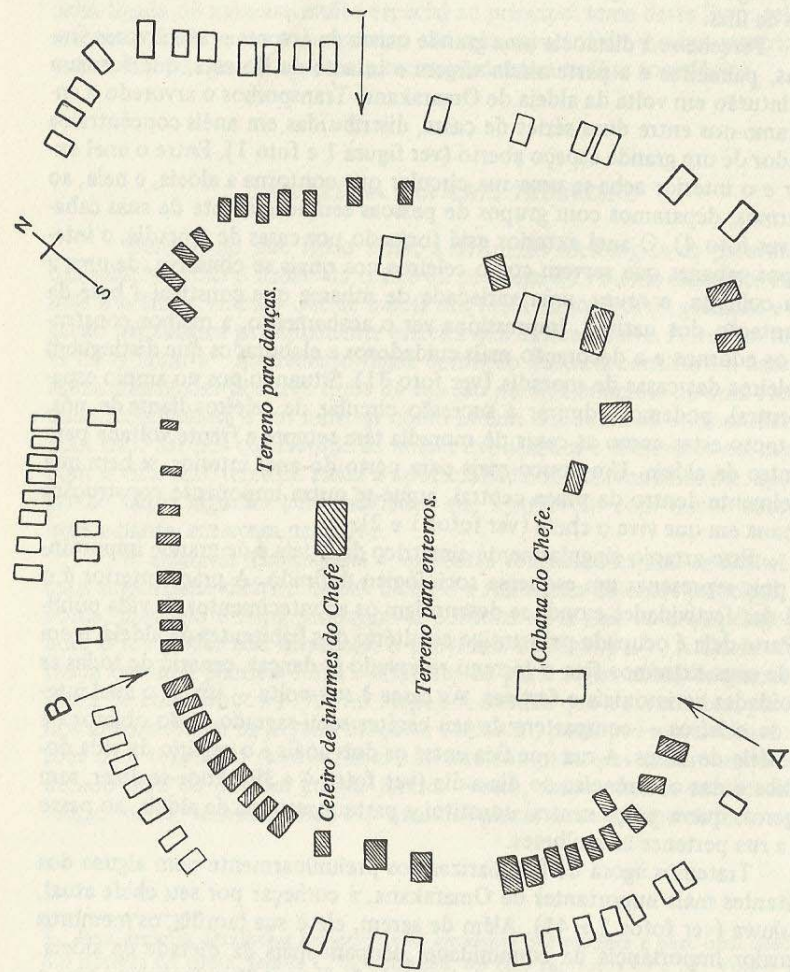
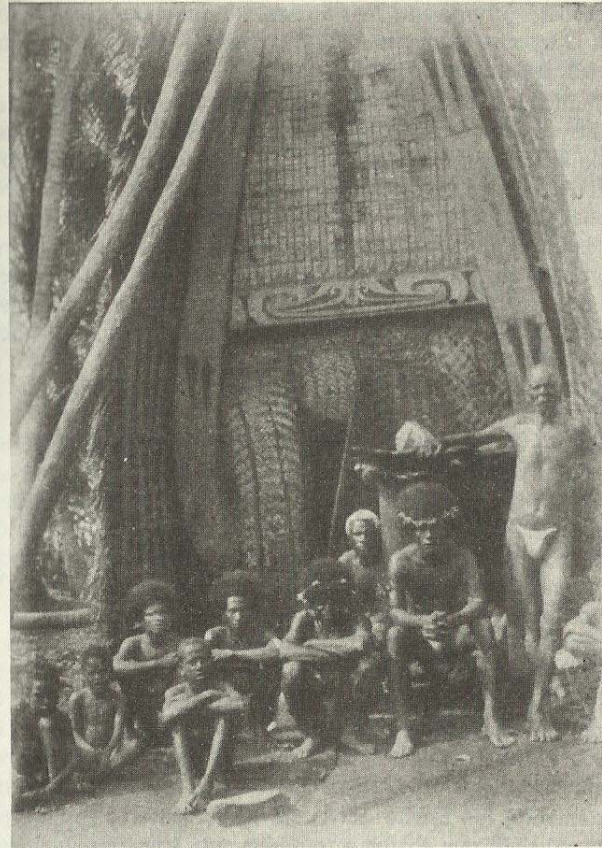


FIG. 1 - PLANTA DA ALDEIA DE OMARAKANA

FOTO 2



O CHEFE E SEUS FILHOS

To'uluwa apóia-se na plataforma, tendo Namwana Guya'u à sua direita e Mwaydayli ao fundo. Os demais são filhos menos importantes. A grande concha de búzio e o frontão decorado são as insígnias do Chefe.

[Cap. I, seq. 2; Cap. II, seq. 1]

deia, possui muitas mulheres, que habitam todo o setor ocidental do anel (o segmento "A-B" no mapa da fig. 1). Por outro lado, seus parentes maternos, pertencentes à sua família e ao subclã chamado Tabalu, também dispõem de um espaço próprio que lhes é reservado na aldeia (segmento "A-C" no mapa). O terceiro segmento ("B-C") é habitado por plebeus que não são nem filhos nem parentes do chefe.

A comunidade está, portanto, dividida em três partes. A primeira se compõe do chefe e de seus parentes maternos, os Tabalu, que reivindicam a propriedade da aldeia e se consideram senhores do seu solo e únicos beneficiários dos privilégios que decorrem dessa posse. A segunda parte se compõe dos plebeus, eles mesmos subdivididos em dois grupos: os que reclamam direitos de cidadania com base em razões mitológicas (esses direitos são nitidamente inferiores aos dos membros do subclã do chefe, e aos reclamantes só é permitido permanecer na aldeia na condição de vassallos ou criados daquela suprema autoridade; e os estrangeiros, cujos serviços fazem parte da herança do chefe, e que são aceitos nessa condição e em virtude desse direito. A terceira parte da comunidade está constituída pelas mulheres do chefe e por sua prole.

Em virtude do caráter patrilocal do casamento, essas mulheres têm de residir na aldeia de seu marido, e não é preciso dizer que conservam em sua companhia os filhos menores. Quanto aos filhos adultos, só recebem autorização para permanecer na aldeia por força da influência pessoal de seu pai. Essa influência vai de encontro à lei tribal, a qual exige que todo homem viva na sua aldeia, ou seja, na de sua mãe. O chefe é sempre mais ligado a seus filhos do que a seus parentes maternos. Prefere a companhia deles; como todo típico pai trobriandês, toma o seu partido (pelo menos sentimentalmente) em qualquer discussão; e procura sempre dotá-los do maior número possível de privilégios e benefícios. Semelhante estado de coisas não pode ser do agrado, evidentemente, dos sucessores legais do chefe, isto é, de seus parentes maternos, os filhos de sua irmã; daí resulta que, às vezes, se criam entre ambos os segmentos uma tensão considerável e fortíssimos atritos.

Recentemente, um estado de tensão desse gênero terminou provocando violenta rebelião que abalou a tranqüila vida tribal de Omarakana e comprometeu sua harmonia interna durante quatro anos⁴. Havia uma rixa

⁴ O relato que se segue já foi publicado (em *Crime and Custom*, pp. 101 e seguintes). Como, na verdade, trata-se da reprodução quase exata das notas originais que tomei na época, em cima dos acontecimentos, prefiro voltar a publicá-lo tal e qual, com apenas umas poucas modificações verbais.

antiga entre Namwana Guya'u, o filho favorito do chefe, e Mitakata, seu sobrinho e o terceiro na ordem natural de sua sucessão (ver foto 3). Namwana Guya'u era o homem mais influente da aldeia, depois do chefe, seu pai: To'uluwa autorizara-o a exercer um poder considerável e concedera-lhe mais do que lhe era devido em riquezas e privilégios.

Um dia, seis meses após a minha chegada a Omarakana, a disputa entre os dois atingiu um ponto crítico. Namwana Guya'u, o filho do chefe, acusou seu inimigo Mitakata, sobrinho e um dos herdeiros de To'uluwa, de ter cometido adultério com sua mulher; sob essa alegação levou-o a julgamento perante o magistrado residente branco, de que resultou para Mitakata uma pena de aproximadamente um mês de prisão. A notícia dessa prisão, transmitida da residência governamental (a poucas milhas de distância), chegou à aldeia depois do pôr-do-sol e imediatamente provocou um pânico. O chefe trancou-se em sua cabana pessoal cheio de maus pressentimentos com relação ao seu favorito que tão gravemente ofendera as leis e os sentimentos da tribo. Os parentes do preso, sucessor possível do chefe, ferviam de ódio e indignação reprimidos. Ao cair a noite, de ânimo abatido, os habitantes da aldeia jantaram em silêncio, cada família isolada das outras. Não havia ninguém na praça central. Namwana Guya'u não apareceu em canto algum, o chefe To'uluwa continuou trancado em sua cabana, a maior parte de suas mulheres e os filhos também não saíram de casa. De repente, uma voz forte rompeu o silêncio da aldeia. Bagido'u, o herdeiro necessário e irmão mais velho do homem que havia sido preso, erguido diante de sua cabana, gritou, dirigindo-se para o ofensor de sua família:

"Namwana Guya'u, você está causando perturbação. Nós os Tabalu de Omarakana, o autorizamos a ficar aqui, vivendo conosco. Você foi bem alimentado em Omarakana. Comeu de nossa comida. Comeu de nossa carne, inclusive a dos porcos que nos eram trazidos a título de tributo. Navegou em nossas canoas. Levantou uma cabana sobre o nosso solo. E agora nos ofende. Você mentiu. Mitakata está preso. Não queremos mais que você continue aqui. Esta aldeia é nossa! Você aqui é um estranho. Vá embora! Nós o expulsamos! Nós o expulsamos de Omarakana".

Estas palavras foram proferidas em voz bem alta e aguda, trêmula de emoção; a cada frase curta seguia-se uma pausa; as frases, uma a uma — como projéteis de artilharia —, iam sendo lançadas através do espaço vazio em direção à cabana onde Namwana Guya'u, sentado, remoía seus pensamentos. Depois foi a vez de a irmã mais moça de Mitakata levantar-se e falar, seguida de um rapaz, um dos seus sobrinhos maternos. Tanto as palavras de uma como do outro eram quase idênticas às que havia proferido Bagido'u, com ênfase na repetição da fórmula do repúdio ou da expulsão, a *yoba*. Essas falas

foram ouvidas em profundo silêncio. Não se notava o menor movimento em toda a aldeia. Mas, antes que terminasse a noite, Namwana Guya'u havia partido de Omarakana para sempre. Foi morar algumas milhas adiante em sua "própria aldeia", Osapola, de onde provinha sua mãe. Durante semanas, esta e a irmã dele choraram por causa de sua partida, com gemidos e lamentações, como se estivessem chorando um defunto. O chefe continuou sem sair de sua cabana por três dias, e quando veio para fora tinha uma aparência idosa e alquebrada pelo desgosto. Todo o seu interesse e a sua afeição pessoal eram a favor do filho favorito, mas não havia nada que pudesse fazer para ajudá-lo. Seus parentes haviam agido estritamente dentro dos seus direitos e, de acordo com a lei tribal, não lhe era possível dissociar sua causa da deles. Não havia poder capaz de invalidar o decreto do exílio. Uma vez pronunciadas as palavras "vá embora" — *bukula*, "nós o expulsamos" — *kaya-baim*, o homem tinha mesmo de ir. Essas palavras, que raramente são ditas a sério, possuem uma força irresistível e um poder quase ritual quando os cidadãos as proferem contra um residente de fora. Um homem que ousasse desafiar a injúria terrível nelas contida e que insistisse em ficar a despeito delas estaria desonrado para sempre. Na verdade, para o ilhéu de Trobriand é inconcebível qualquer reação que não seja a de pronta obediência a uma exigência ritual.

O ressentimento do chefe contra seus parentes foi profundo e duradouro. No início, nem sequer queria falar com eles. Durante aproximadamente um ano, nenhum deles ousou pedir-lhe que os deixasse acompanhá-lo em suas expedições marítimas, embora tivessem pleno direito a este privilégio. Dois anos depois, em 1917, quando voltei às ilhas Trobriand, Namwana Guya'u continuava a residir na outra aldeia, mantendo distância dos parentes paternos, apesar de que freqüentemente visitava Omarakana a fim de se colocar à disposição de seu pai, sobretudo quando To'uluwa partia em viagem. Sua mãe morrera um ano depois de ele haver sido expulso. Como contavam os nativos: "ela gemia, gemia, recusava-se a comer, e morreu". As relações entre os dois inimigos principais foram rompidas definitivamente, e Mitakata, o jovem chefe que naquela ocasião tinha sido preso, repudiou sua mulher, pertencente ao mesmo subclã que Namwana Guya'u. Abriu-se uma brecha profunda em toda a vida social de Kiriwina.

Esse incidente foi um dos mais dramáticos que presenciei nas ilhas Trobriand. Descrevi-o em detalhes porque oferece uma impressionante ilustração do direito materno, do poder da lei tribal, das paixões que se opõem a esta e que se manifestam a despeito dela. Serve também para mostrar a profunda afeição que liga o pai a seus filhos, a tendência que o impele a usar de toda a sua influência para dar-lhes uma situação de prestígio na al-

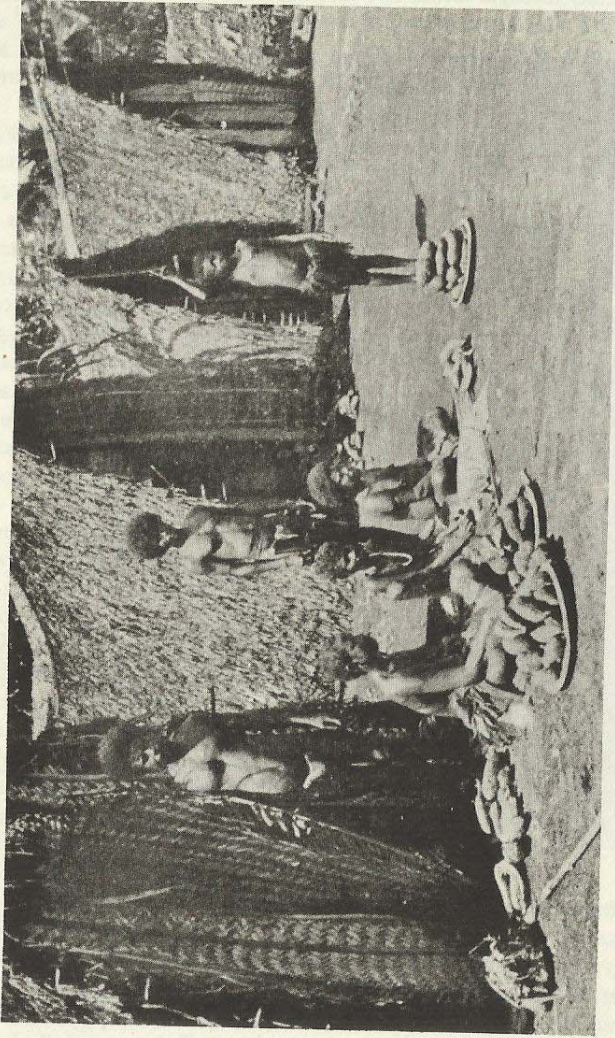
FOTO 3



DOIS INIMIGOS HEREDITÁRIOS

O filho do Chefe e o seu herdeiro necessário em trajes de dança, antes de haverem brigado um com o outro.

[Cap. I, seq. 2; também cap II, seq. 2; cap. X, introdução.]



A ESPOSA FAVORITA DO CHEFE E SUA FAMÍLIA. *Kadamwasila* está sentada diante de sua cabana de moradia entre duas noras; atrás de cada uma destas erguem-se seus respectivos maridos, *Kalogusa* (à esquerda) e *Yobukwa'u*

(à direita). A irmã mais nova deles, *Kenoria*, toma um banho de chuveiro. *Véem-se inhames e bananas cozidos, prontos para serem servidos na refeição da família.*

[Cap. I, seções 2 e 3; cap. III, seq. 4; cap. IV, seções 1 e 3]

dela, a oposição que isso sempre provoca da parte de seus parentes maternos e as tensões e rupturas que daí resultam. Em condições normais, numa comunidade menor onde os poderes em disputa são mais humildes e menos importantes, semelhante tensão se resolveria, após a morte do pai, com a devolução, aos parentes maternos deste, de tudo o que os filhos dele houvessem recebido quando era vivo. Seja como for, esse jogo duplo de afeição paterna e autoridade matrilinear oferece grande margem para descontentamentos e atritos, bem como para o estabelecimento de métodos complicados com que contorná-los: o filho do chefe e o sobrinho materno deste podem ser descritos como inimigos predestinados.

Voltaremos a este tema no decorrer de nossa exposição. Ao tratarmos do consentimento para o casamento, veremos a importância da autoridade paterna e as funções que aí desempenham os parentes matrilineares. O costume dos casamentos entre primos cruzados constitui uma forma tradicional de conciliação dos dois princípios opostos. Também é impossível compreender os tabus sexuais e as proibições do incesto, sem antes haver entendido bem o significado dos princípios que discutimos nesta seção.

Até aqui, ficamos conhecendo To'uluwa, sua mulher favorita *Kadamwasila*, que morreu por efeito da tragédia ocorrida na aldeia, o filho de ambos, *Namwana Guya'u* e seu inimigo *Mitakata*, filho da irmã do chefe; voltaremos a encontrá-los, pois figuram entre os meus melhores informantes. Também nos familiarizaremos com os outros filhos do chefe e de sua mulher favorita, bem como com alguns dos parentes maternos dele (homens e mulheres). Acompanharemos suas peripécias amorosas e as condições em que se estabeleceram os seus casamentos; não hesitaremos em bisbilhotar os seus escândalos domésticos e mostrar um interesse indiscreto por sua vida íntima. Pois todos eles estiveram, durante um longo período, sob observação etnográfica, e uma boa parte do meu material foi obtida através de suas confidências — sobretudo, daquelas que envolviam maledicência recíproca.

Darei igualmente muitos exemplos tirados de outras comunidades, faremos freqüentes visitas às aldeias da laguna da costa ocidental, a localidades na parte meridional da ilha e a algumas das ilhas menores pertencentes ao mesmo arquipélago. Em todas essas outras comunidades prevalecem condições mais uniformes e mais democráticas, o que introduz certa diferença nas características de sua vida sexual.

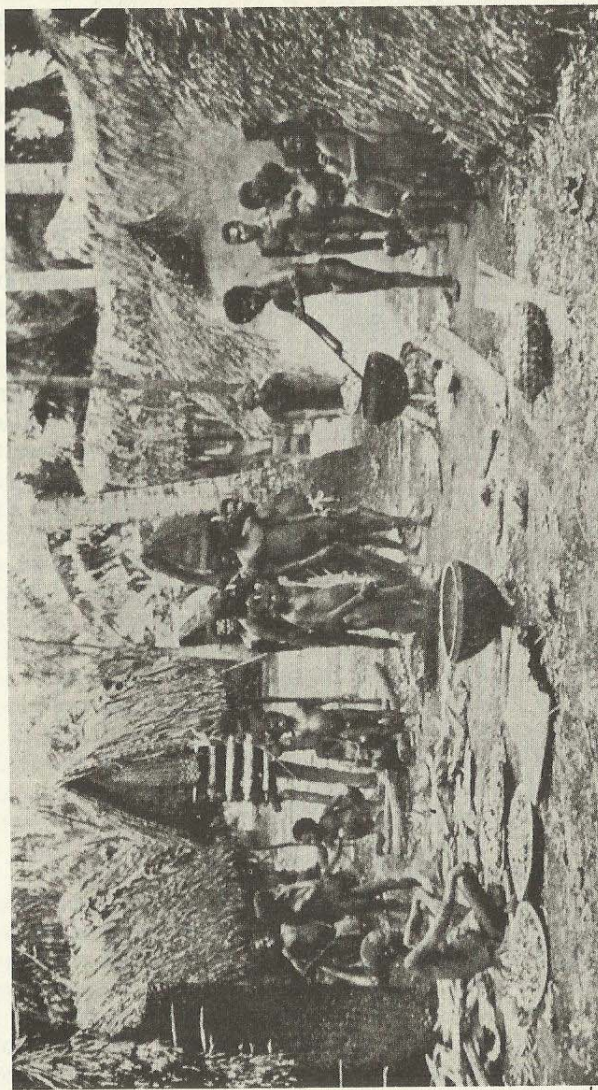
A VIDA FAMILIAL

Ao entrar na aldeia, tivemos de atravessar a rua que separa as duas séries concêntricas de casas⁵. Ali se desenrola normalmente a vida cotidiana da comunidade, e seria interessante determo-nos por alguns instantes nesse local para examinarmos mais de perto os grupos de pessoas que se acham sentadas diante de suas habitações (ver foto 4). Via de regra, observamos que cada grupo compõe-se de uma única família – marido, mulher e filhos – entregue ao lazer ou a ocupações domésticas que variam com a hora do dia. Numa bela manhã, poderíamos vê-los comendo apressadamente uma refeição frugal, após o que o homem e a mulher, com a ajuda dos filhos mais velhos, começariam a pôr em ordem os utensílios para a faina diária; à distância, o bebê deitado sobre uma esteira. Depois, durante as horas frescas que precedem o calor do meio-dia, cada família provavelmente sairia para trabalhar, deixando a aldeia quase deserta. O homem, em companhia de outros habitantes, pode estar pescando ou caçando ou construindo uma canoa ou procurando um tronco de árvore para aproveitar a madeira. A mulher pode ter ido colher mariscos ou frutos silvestres. Também pode ser que o marido e mulher trabalhem nos campos de cultivo ou façam uma visita. O homem, em geral, se entrega a trabalhos mais pesados que a mulher; mas, quando retornam à casa nas horas quentes da tarde, ele descansa, enquanto ela cuida dos afazeres domésticos. Quando a tarde chega ao fim, com o sol em ocaso projetando sombras mais longas e refrescantes, tem início a vida social na aldeia. O grupo familiar está diante de sua cabana, a mulher preparando a comida, os filhos brincando, o marido, talvez, sentado distraído o bebê. É o momento em que os vizinhos se dirigem uns aos outros, trocando idéias em conversas de grupo com grupo.

O que chama imediatamente a atenção de um visitante que saiba observar é a franqueza e o tom amistoso dessas conversas, o sentimento manifesto de igualdade, a solicitude com que o pai ajuda nas tarefas domésticas, especialmente no atendimento dos filhos. A mulher intervém livremente nas pilhérias e na conversa; descumbe-se do seu trabalho com independência, não como se fosse uma escrava ou uma criada, mas como quem administra

⁵ Pode-se ter uma boa idéia da “rua”, vendo-se a foto 12, em que aparecem duas cabanas de moradia (à direita e à esquerda) por trás dos dois celeiros (ao centro).

FOTO 5



COCCÃO CERIMONIAL DO TARO.
Os bolinhos sobre as travessas (esquerda) são inicialmente preparados pelas mulheres para serem em seguida lançados em grandes potes de barro e mexidos com longas espátulas. Note-se o minúsculo celeiro de inhames (centro à

esquerda) pertencente ao garotinho que está diante dele. A foto foi tirada do ponto de vista das cabanas de moradia, de frente para os celeiros e divisando a praça central.

[Cap. I, sec. 3; cap. IV, sec. 3 e cap. XI, sec. 2]



MULHERES COM "TOGEBI" PARA CARGA NA CABEÇA.

Descansando à beira do caminho, sem a carga, mas com as "togebi" em posição. A figura central usa uma relíquia de luto sobre o ombro.

[Cap. I, seq. 3; cap. VIII, seq. 4 e nota de rodapé]

o seu departamento com autonomia. Ela dá ordens ao marido, quando precisa de sua ajuda. Uma observação atenta, feita no dia-a-dia, confirma essa primeira impressão. O típico lar trobriandês se baseia nos princípios da igualdade e da independência de funções: o homem é considerado o senhor, pois acha-se em sua própria aldeia e a casa lhe pertence; mas, sob outros aspectos, a mulher exerce uma influência considerável; ela e os seus parentes contribuem, em grande parte, para o abastecimento da família; certos objetos domésticos são propriedades sua; e é ela — depois de seu irmão — que a lei reconhece como chefe da família.

A distribuição de funções dentro do lar é, em certos casos, perfeitamente definida. Cabe à mulher cozinhar — a comida é simples e não requer muita preparação. A refeição principal é feita quando o sol se põe e consiste em inhames, taros e outros tubérculos, tostados diretamente no fogo ao ar livre (ou, com menor frequência, cozidos em panela com água ou assados em fornos subterrâneos), a que podem ser acrescentados peixe ou carne. O que sobra é comido frio na manhã seguinte; ao meio-dia, às vezes (mas não regularmente), os nativos se alimentam de frutos, mariscos, ou fazem algum outro tipo de refeição ligeira.

Há determinadas circunstâncias em que o homem se vê na contingência de preparar e cozinhar os alimentos, em viagens por terra e por mar, em expedições de pesca ou de caça, em suma, quando está sem a companhia de uma mulher. Também em certas ocasiões especiais — quando se utilizam grandes potes de barro para fazer bolinhos de sagu ou de taro —, a tradição estabelece que os homens devem ajudar suas mulheres (foto 5). Mas dentro dos limites da aldeia e na vida normal de todos os dias, o homem nunca cozinha. Os trabalhos culinários são considerados vergonhosos para o seu sexo. "Você é uma cozinheira-homem (*tokakabwasi yoku*)", diriam dele em deboche. O medo de merecer esse epíteto, de ser ridicularizado ou desonrado (*kakayuwa*), é extremo. Ele decorre do pavor e da vergonha, muito característico dos selvagens, de não fazer o que é correto, ou, pior ainda, de fazer algo que compete intrinsecamente ao outro sexo ou a outra classe social (veja-se o cap. XIII, seqs. 1-4).

Os costumes da tribo reservam rigorosamente a um dos sexos determinadas ocupações ou determinadas formas de se desincumbir delas. Temos um bom exemplo disso na maneira como devem ser transportadas as cargas. As mulheres apóiam sobre a cabeça a cesta em forma de sino (um recipiente especialmente destinado a elas) ou qualquer outro tipo de carga, ao passo que aos homens só é permitido transportar suas cargas sobre os ombros (fotos 6, 7 e 28). Causaria a um(a) habitante das ilhas verdadeira angústia e um profundo sentimento de vergonha cogitar da possibilidade de transpor-

tar qualquer coisa de maneira que fosse apropriada ao sexo oposto; e nada seria capaz de fazer com que um homem leve alguma carga na cabeça, nem por brincadeira.

O fornecimento de água constitui ocupação exclusivamente feminina. É a mulher quem cuida das vasilhas para armazenar água numa casa. Essas vasilhas são feitas da casca resistente de um coco maduro; como tampa, usa-se a folha enrolada e retorcida de uma palmeira. Pela manhã ou pouco antes do pôr-do-sol, ela caminha meia milha de distância para ir enchê-las no poço. Aí têm as mulheres o seu ponto de reunião, onde descansam conversando, enquanto, uma após outra, enchem de água os seus recipientes, limpam-nos, ajeitam-nos dentro de cestas ou sobre grandes travessas de madeira, e, no instante de sair, molham-nos com um último jato de água para que fiquem com um brilho sugestivo de frescor. O poço é o clube das mulheres e o centro de seus mexericos; como tal, desempenha um papel importante, pois existe nas aldeias trobriandesas uma opinião pública e um ponto de vista que são especificamente femininos: as mulheres guardam segredos que os homens não podem conhecer, assim como os homens têm segredos para as mulheres, em que elas não devem ser iniciadas.

Já vimos que o marido participa plenamente do atendimento aos filhos. Acaricia e carrega o bebê, lava-o e cuida do seu asseio, serve-lhe purê de substâncias vegetais que lhe é dado junto com o leite da mãe quase desde o dia do seu nascimento. Na verdade, carregar um bebê nos braços ou colocá-lo sobre os joelhos — ato que é descrito pela palavra nativa *kopo'i* — constitui função e dever especialmente atribuídos ao pai (*tama*). Diz-se dos filhos de mulheres não casadas — os quais, segundo a expressão nativa, “não têm um *tama*” (ou seja — convém lembrar ao leitor mais uma vez — têm uma mãe sem marido) — que eles são “infelizes” ou “de mau gênio” porque “não têm ninguém que cuide deles ou que lhes dê carinho (*gala taytala bikopo'i*)”. E se alguém perguntar porque haveriam os filhos de sentir-se com deveres em relação ao pai, que, não passa, em suma, de um “estranho” para eles, ouvirá invariavelmente esta resposta: “por causa dos cuidados que ele dispensou (*pela kopo'i*)”, “porque ele sujou as mãos com as fezes e a urina do filho” (cf. cap. VII).

O pai se desincumbe de seus deveres com um afeto genuíno e natural: é capaz de carregar no colo um bebê horas seguidas, encarando-o com os olhos cheios de um amor e de um orgulho como só raramente se vê no olhar de um pai europeu. Qualquer elogio que se faça da criança atinge diretamente o seu coração, e ele não se cansa de apontar e falar sobre as virtudes e as façanhas dos rebentos de sua mulher. Com efeito, quem observa uma família de nativos em sua casa ou a encontra na estrada tem, de imediato, a

impressão de que existe entre seus membros uma união estreita e íntima (ver fotos 7 e 26). E essa afeição mútua, como vimos, não diminui com o passar dos anos. Descobrimos, assim, na intimidade da vida doméstica um outro aspecto da luta interessante e complicada entre, de um lado, a paternidade social e afetiva, e, de outro, o direito materno legal e explicitamente reconhecido.

Note-se que ainda não penetramos no interior de uma casa, pois quando faz bom tempo as cenas da vida de família se desenrolam diante da casa de moradia. Os nativos só se retiram para dentro de suas casas quando faz frio ou quando chove, à noite, ou para tratar de assuntos íntimos. Nas noites da estação mais fresca, quando o ar se mostra úmido e venta, as ruas da aldeia ficam desertas e percebe-se, através dos pequenos interstícios nas paredes das cabanas, as luzes fracas bruxoleando, enquanto lá de dentro chegam vozes em animada conversação. No interior da cabana, em um exíguo espaço envolvido em espessa fumaça, as pessoas estão sentadas ao chão junto à lareira ou descansam sobre armações de cama cobertas com esteiras.

As casas estão construídas diretamente sobre o solo, e seus soalhos são de terra batida. No diagrama em que está traçada a planta de uma delas (figura 2) vemos os principais elementos que compõem sua mobília extremamente simples: a lareira, que nada mais é que um círculo de pequenas pedras com três pedras maiores servindo de suporte para a panela; as tarimbas de madeira, colocadas uma acima da outra e presas à parede do fundo e à parede lateral que se opõe à lareira (cf. foto 8) e uma ou duas estantes para guardar as redes, as panelas de cozinha, os saiotos femininos de fibras e outros objetos domésticos. A habitação pessoal do chefe é construída segundo o mesmo modelo das casas comuns, só que maior. Os celeiros de inhame têm um tipo de construção um tanto diferente e mais complicado, e estão ligeiramente levantados acima do chão.

Um dia normal em uma casa típica força a família a viver em estreita intimidade — dormem todos no mesmo cômodo, comem juntos e juntos passam a maior parte de suas horas de trabalho e de lazer.

4

A DISTRIBUIÇÃO DA PROPRIEDADE E DOS DEVERES ENTRE OS SEXOS

Os habitantes de uma casa acham-se ligados também por interesses econômicos comuns. Esse é um aspecto que merece exposição mais deta-

lhada, já que o assunto é importante e complexo. No que concerne, em primeiro lugar, ao direito de propriedade, devo dizer que a posse pessoal é, para o nativo, algo de máxima importância. O título *tolí* — (“dono” ou “senhor”, que a pessoa antepõe como prefixo às coisas de sua propriedade) têm, por si só, considerável valor na medida em que confere uma espécie de distinção, mesmo que não dê direito à propriedade exclusiva. Esse termo e a noção de propriedade possuem, em cada caso particular, um sentido bem definido, mas as relações variam de acordo com os objetos, e é impossível resumi-las em uma única fórmula aplicável a todos os casos⁶.

É de se notar que, não obstante a estreita união que observamos existir no interior de um lar trobriandês, os utensílios domésticos e os muitos objetos que se espalham pela cabana não constituem propriedade comum de seus moradores. Marido e mulher têm, cada um, direitos de propriedade individuais sobre determinados objetos. A mulher é dona de seus saíotes de fibra, de que possui uns doze a vinte em seu guarda-roupas, com uso apropriado para diferentes ocasiões. Para obtê-los, só conta mesmo com o seu próprio esforço e habilidade, de modo que se pode dizer que uma mulher de Kiriwina, em matéria de vestuário, não depende de mais ninguém a não ser pela própria. Os recipientes para armazenar água, os instrumentos para fazer roupas, uma série de artigos de adorno pessoal são também propriedade exclusiva sua. O homem possui suas ferramentas, o machado e o enxó, as redes, as lanças, os acessórios para dançar, o tambor, assim como os objetos de valor que os nativos chamam de *vaygu'a*, que consistem em colares, cinturões, braceletes feitos de conchas e grandes lâminas de machado polidas.

A propriedade particular não é, em tais casos, uma simples palavra sem significação prática. Marido e mulher podem dispor — e efetivamente dispõem — como bem desejem de qualquer artigo que seja de sua propriedade, e depois da morte de um deles os objetos não são herdados pelo cônjuge, mas sim, distribuídos entre uma classe especial de herdeiros. Em casos de briga doméstica, um homem pode destruir algum dos objetos pertencentes à sua mulher — pode descarregar sua raiva partindo os recipientes de água dela ou rasgando os seus saíotes —, enquanto, por sua vez, ela pode arrebitar o tambor dele ou romper o escudo que ele usa para dançar. Ao homem compete também manter em ordem e em bom estado os objetos que

⁶ Ver *Argonauts of the Western Pacific*, cap. VI e *passim*.

FOTO 7

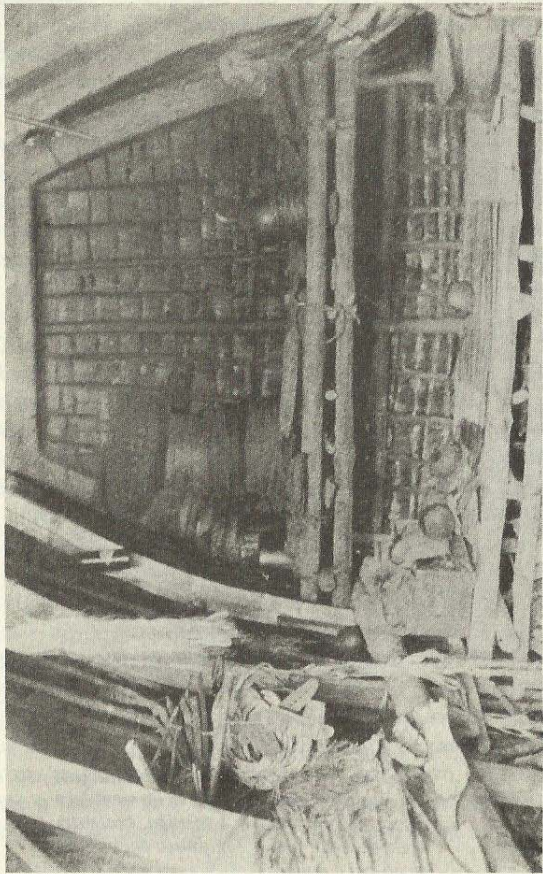


FAMÍLIA EM TRÂNSITO.

A mulher carrega inhames graúdos numa cesta e a criança apoiada aos seus quadris em posição característica; o homem leva uma enxó ao ombro. A criança, evidentemente, sente maior segurança agarrando-se ao pai e à mãe.

[Cap. I, seq. 3]

FOTO 8



INTERIOR NATIVO.

Dois catres ao longo da parede do fundo. Além de uma caixa para guardar mercadorias e uma peça de fazenda de calicó, há vasilhas d'água, esteiras dobradas e um cesto no catre inferior. No catre superior, note-se o pote para guardar a cal (enfiado dentro do cesto redondo) e alguns rolos de folhas de pandano.

[Cap. I, seq. 3]

FIGURA II

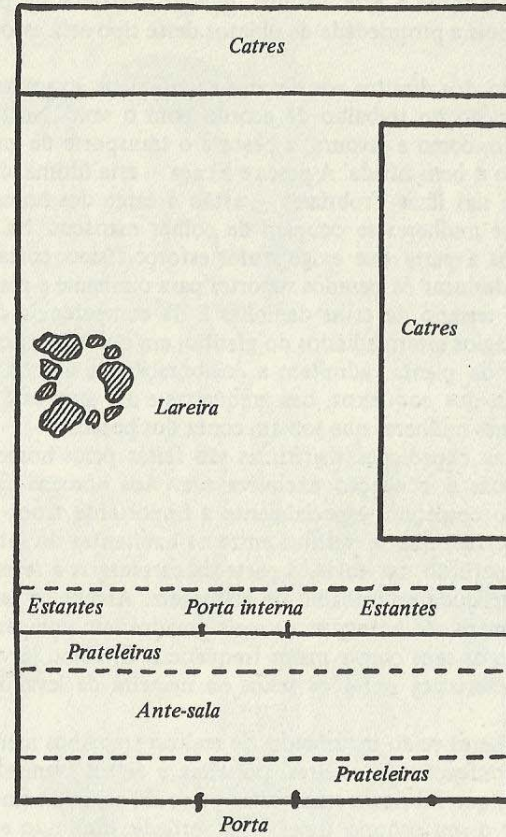


FIG. 2 - PLANTA DE UMA CASA DE MORADIA

[Cap. I, 3]

lhe pertencem, o que demonstra que a mulher não é uma dona-de-casa no sentido europeu desta palavra.

Os bens imóveis, tais como as roças, as árvores, as casas, assim como as embarcações, constituem propriedade quase exclusiva do homem, da mesma forma que a criação de animais, formada principalmente por porcos. Voltaremos mais tarde a este assunto, quando falarmos da posição social das mulheres, pois a propriedade de objetos desse tipo está associada ao conceito de poder.

Passando dos direitos aos deveres econômicos, examinemos como é feita a distribuição do trabalho de acordo com o sexo. No tipo de trabalho mais pesado, como a lavoura, a pesca e o transporte de grandes cargas, a especialização é bem nítida. A pesca e a caça — esta última, de muito pouca importância nas ilhas Trobriand — estão a cargo dos homens, ao passo que somente as mulheres se ocupam de colher mariscos. Na lavoura, fica para os homens a parte que exige maior esforço físico: cortar o mato, levantar cercas, deslocar os pesados suportes para o inhame e plantar tubérculos. Limpar o terreno de ervas daninhas é da competência das mulheres. Alguns dos estágios intermediários do plantio, em que é preciso acompanhar o crescimento da planta, admitem a colaboração de ambos os sexos. Os homens cuidam dos coqueiros, das arequeiras e das árvores frutíferas. São principalmente as mulheres que tomam conta dos porcos.

Todas as expedições marítimas são feitas pelos homens, e a construção de canoas é ocupação exclusiva sua. Aos homens cabe realizar a maior parte do comércio, especialmente a importante troca de alimentos vegetais por peixes, que se verifica entre os habitantes do interior e os do litoral. Na construção das casas, a parte de carpintaria é reservada aos homens; a mulher ajuda no trabalho de colmagem. Ambos os sexos carregam fardos; aos homens são entregues os mais pesados; em compensação as mulheres carregam os seus com a maior frequência. E, como já vimos, há uma diferença característica entre os sexos na maneira de levar as respectivas cargas.

As mulheres estão incumbidas de realizar trabalhos menos importantes, como a confecção de esteiras, pulseiras e cintos trançados. São elas, evidentemente, que fabricam suas vestes pessoais, assim como cabe aos homens aprontar o seu próprio traje — na verdade, diminuto e sem maiores complicações, mas com um acabamento perfeito: a folha-tanga com que tapam o púbis. Os homens trabalham no entalhe de madeiras, mesmo quando se trata de objetos de uso exclusivamente feminino; confeccionam cabaças de guardar cal para mascar o bétel; e, em outros tempos, poliam e afiavam todos os instrumentos de pedra.

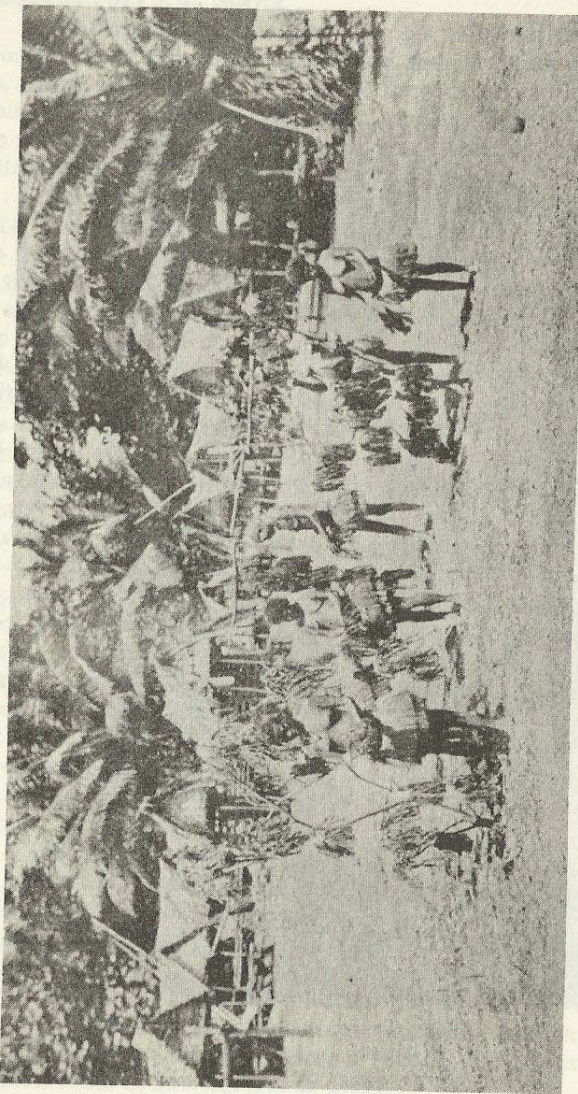


FOTO 9

UMA ETAPA DA CONFECCÃO DE SAIOTES.
As folhas de pandano são expostas ao fogo a fim de se tornarem resistentes e flexíveis. Uma das mulheres teve o cabelo raspado em sinal de luto.

[Cap. I, seq. 4]

FOTO 10



SECAGEM DAS FIBRAS TINGIDAS PARA A CONFECCÃO DE SAIOTES.

As pencas de folhas de bananeira cortadas em tiras são penduradas ao sol depois de terem sido tingidas com carmesim e púrpura. No círculo interno de edificações dessa aldeia de laguna (teyava), só se podem ver céleiros de inhames.

[Cap. I, seq. 4; tb. cap. III, seq. 4]

Essa especialização do trabalho de acordo com os sexos imprime à aldeia, em certas estações, uma feição característica e pitoresca. Quando se aproxima a época da colheita, começam a ser feitos saiotes novos e coloridos a serem usados na ocasião em que a safra for recolhida e nas festas subseqüentes. Grandes quantidades de folhas de bananeira e de pandano são trazidas para as aldeias, sendo ali alvejadas e endurecidas ao fogo. À noite toda a aldeia se acha iluminada por essas fogueiras, a cada uma das quais senta-se um par de mulheres, uma diante da outra, movendo a folha para frente e para trás diante da chama (ver foto 9). O vozerio das conversas e dos cantos anima o trabalho; a perspectiva dos entretenimentos que estão por vir torna todo mundo alegre. Quando o material está pronto, falta ainda cortá-lo, compô-lo e tingi-lo. Duas espécies de raízes são trazidas do mato para a operação de tingir, uma delas produzindo um tom púrpura escuro, e a outra um carmim brilhante. A tintura é preparada em grandes recipientes feitos de enormes conchas de clames; depois de haverem banhado aí as tiras de folhas, as nativas as põem para secar, penduradas na praça central, enchendo de vida a aldeia com suas cores alegres (ver foto 10). Vem em seguida um trabalho muito complexo de juntar tira por tira, que resulta em "criação" de magnífico efeito: o amarelo dourado do pandano, a coloração à base de verdes e castanhos suaves da folha de bananeira, o carmim e o púrpura das camadas que foram tingidas formam, em conjunto, uma harmonia cromática realmente bela contra o fundo da pele lisa e morena das mulheres.

Certas manufaturas admitem a participação masculina e feminina. Ambos os sexos trabalham, por exemplo, no meticuloso processo de fabricar determinados ornamentos em conchas⁷, enquanto redes e recipientes para armazenar água podem ser feitos indiferentemente por um ou pelo outro.

Vê-se, assim, que não cabe às mulheres suportar o fardo dos serviços pesados e embrutecedores. Na verdade, os trabalhos mais penosos da lavoura, bem como os mais monótonos em geral, são feitos pelos homens. Por outro lado, as mulheres têm um campo próprio de atividade econômica; esse campo é considerável e através dele elas afirmam o seu papel e a sua importância.

⁷ Cf. cap. 15 de *Argonauts of the Western Pacific*.